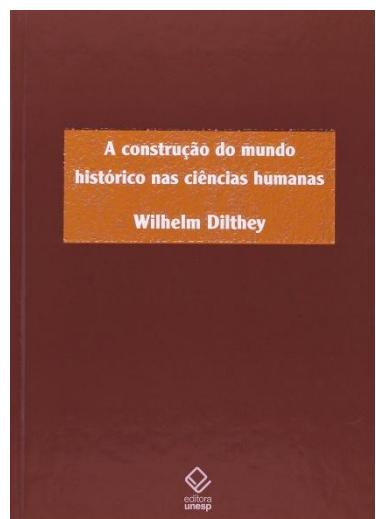


RESENHA



161

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Ana Clara Scari Santiago Dutra  
Universidade Federal de Minas Gerais<sup>1</sup>

Deborah Moreira Guimarães  
Universidade Federal de Minas Gerais<sup>2</sup>

**A hermenêutica como fundamento às ciências do espírito e como base para a crítica da razão histórica: resenha crítica de *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*, de Wilhelm Dilthey**

<sup>1</sup> E-mail: anacscari@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: deborahmoreiraguimaraes@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Em *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*<sup>3</sup> (2010 [1910]), Dilthey lida com o problema da delimitação e da fundamentação das Ciências Humanas (ou das “Ciências do Espírito”, do termo alemão *Geisteswissenschaften*), a fim de estabelecer suas particularidades frente às Ciências Naturais. Um tal desejo de reservar às Ciências Humanas um lugar epistemológico próprio coloca-se diante da tendência positivista do século XIX, que tentava subsumi-las ao procedimento analítico-explicativo daquelas:

O que está aqui em questão é a delimitação provisória das ciências humanas ante as ciências naturais por meio de traços característicos seguros. Nas últimas décadas, ocorreram debates interessantes entre as duas ciências e, em particular, sobre a história: sem adentrar nos pontos de vista que foram mutuamente contrapostos nesses debates, apresento aqui uma tentativa divergente de conhecer a essência das ciências humanas e de delimitá-las diante das ciências naturais. (Dilthey, 2010, p. 19).

Para nosso autor, o desatino em questão em um tal anseio de transposição residiria em que, nas Ciências do Homem, o objeto goza da particularidade de ser visado em sua interioridade, que, por quanto é fundada na vivência, diz do âmbito de “significação, valor e finalidade” (Dilthey, 2010, p.24): trata-se de um campo de investigação que não deixa o homem “fora de jogo” (*Ibid.*, p. 23), como nas Ciências Naturais, mas que promove um retorno do homem sobre si mesmo, para além de sua fisicalidade. Dessa forma, Dilthey apresenta uma concepção de vida oriundada noção de nexo (*Zusammenhang*), que traz consigo a capacidade de reunião, de junção, característica das ciências humanas: a vida torna-se, portanto, o nexo psicofísico originário, ponto de conexão entre compreensão, expressão e vivência.

A indicação da relação entre a vida humana e o âmbito da interioridade produtora de sentido deixa entrever a herança fundamentalmente hermenêutica do projeto de Dilthey - a hermenêutica e o método comparativo serão, com efeito, apontadas como o procedimento próprio das Ciências Humanas: sua obra parte de pressupostos que remetem inevitavelmente a Schleiermacher e à tentativa de fundamentar essa técnica de interpretação através do conceito geral de *compreensão* (*Verstehen*)<sup>4</sup>, enquanto interpretação “de discurso estranho” (Schleiermacher, 2015 [1809], p. 26).

<sup>3</sup> DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

<sup>4</sup> Em sua apresentação da obra de Schleiermacher, *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*, Braida (2015, p. 8) observa que a racionalidade hermenêutica, “no mesmo movimento que que estabelece a *apreensão do sentido* como essência do método das ciências humanas, delimita o alcance da metodologia das ciências naturais, questionando, acima de tudo, o próprio conceito de objetividade científica. Isso se mostra nas determinantes específicas desse modelo: a inseparabilidade de sujeito e objeto, uma vez que a compreensão hermenêutica se dá pela inserção daquele que comprehende no horizonte da história e da linguagem , as quais são aquilo mesmo

### RESENHA

DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*.

A impressão é de que, aqui, a compreensão hermenêutica ultrapassa o âmbito das palavras, isto é, da linguagem discursiva<sup>5</sup>, como queria Schleiermacher (2015 [1809], p. 33)<sup>6</sup>, e se estende a toda e qualquer manifestação da interioridade humana: “Tratar-se-ia aqui de Estados, igrejas, instituições, hábitos, livros, obras de arte; tais fenômenos sempre contêm, tal como o próprio homem, a ligação entre um lado exterior sensível e um lado subtraído aos sentidos e, por isso, interior” (Dilthey, 2010, p. 25). Para Dilthey, “compreender é revivenciar: ele é um ‘processo no qual, a partir de sinais dados sensivelmente de fora, reconhecemos uma interioridade’ que não nos é jamais completamente estranha exatamente porque compartilhamos desde o princípio a mesma visão de mundo” (Casanova, 2011, p. 15).

Do ponto de vista metodológico, um tal empreendimento impunha ao autor um trajeto do qual Dilthey mostrou-se consciente desde o princípio: não apenas o de delimitar o objeto das Ciências Humanas, mas o de indicar o seu método e de fundamentá-lo epistemologicamente. A particularidade das *Geisteswissenschaften* residiria não apenas no objeto visado, isto é, o “*estado de fato da humanidade*”, mas no tipo de relação que esse conjunto de ciências estabelece com ele (Dilthey, 2010, p. 21).

O projeto de Dilthey, nesse sentido, constitui a elaboração de uma crítica do conhecimento, de influência kantiana, ao domínio das Ciências Humanas, muito embora pareça ter restado nele não muito dessa tradição, senão aquele espírito de depuração dos fundamentos e limites do conhecimento. Como nota Gadamer (2002, p. 58), a pretensão de universalidade do projeto crítico de Kant parece incompatível com o estudo da história em questão em Dilthey e, não obstante, os métodos crítico e transcendental foram transpostos pela filosofia pós-kantiana a diversos domínios, mesmo à fenomenologia e à tradição hermenêutica<sup>7</sup>.

E são, pois, precisamente a garantia da universalidade e da objetividade que constituem o desafio maior à fundamentação da científicidade das Ciências do Espírito. Dilthey não ignora esse fato, e já em *O Surgimento da Hermenêutica* (1999

que deve ser compreendido; o condicionamento de toda expressão do humano a um determinado horizonte linguístico, o que inclui também o resultado da compreensão, portanto, a própria ciência; a circularidade entre o todo e o particular, ou a mútua dependência constitutiva entre a parte e a totalidade, que impossibilita a compreensão por mera indução; e, por fim, a referência a um ponto de vista, ou pré-compreensão, a partir da qual se institui todo conhecimento, que estabelece a prioridade da pergunta sobre a resposta e problematiza a noção de dado empírico puro”.

<sup>5</sup> A respeito da relação entre compreensão e interioridade em Schleiermacher, Braida (2015, p. 19) nota que “A apreensão do pensamento do outro, logo, a compreensão correta do discurso alheio, se realiza através da compreensão da linguagem em que ele expressou o seu pensamento. Não há outra *via de acesso ao que o outro quis dizer* senão o seu discurso, ou seja, o seu uso da linguagem para expressar alguma coisa ao ouvinte. O que se pressupõe e o que se encontra em hermenêutica é apenas linguagem. [...] Note-se, não se trata da linguagem em geral, mas sempre de uma linguagem utilizada, logo, de um discurso. Isto significa estabelecer a linguagem enquanto discurso como o objeto, o instrumento e o resultado da hermenêutica.” (Destaque nosso).

<sup>6</sup> “A solução do problema, para o qual nós estamos procurando justamente a teoria, não depende absolutamente de que o discurso esteja fixado para os olhos através da escrita, mas ocorre sempre onde nós temos que apreender pensamentos ou encadeamentos de pensamentos através de palavras.” (Schleiermacher, 2015, p. 33).

<sup>7</sup> Gadamer conclui: “De modo que foi um Kant curiosamente abreviado o que se elaborou na era do neokantismo - seja como criticismo ou como filosofia transcendental - em forma de uma concepção de sistema geral” (Gadamer, 2002, p. 58, tradução nossa).

[1900])<sup>8</sup>, o apresenta enquanto problema do “conhecimento do singular”, que constitui o “pressuposto de toda a ciência filológica e histórica”<sup>9</sup> (Dilthey, 1999, p.12). - Como se fará notar ao longo desta resenha, a preocupação com essa garantia dará o tom a toda a condução do seu construto teórico em *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*, que quer salvaguardar a vida enquanto fonte intransponível de toda a significação, e, mais que isso, de toda a *significação partilhada*.

### A DELIMITAÇÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

*A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas* tem início com a tentativa de delimitar preliminarmente qual seja o objeto em questão nas Ciências do Espírito e que tipo de relação com esse objeto está em questão nestas ciências. Essa tentativa tem início com uma importante ressalva: a de que as ciências em geral - e sobretudo as Ciências Naturais - abstraem do *fato homem* aquilo que interessa a elas. Para o autor, “essas abstrações só têm validade no interior dos limites do ponto de vista sob o qual são projetadas” (Dilthey, 2010, p. 20), enquanto o homem ele mesmo, esta entidade real, é um fato que comporta as dimensões física e psíquica.

O psiquismo em questão no homem, diz Dilthey, está fundado na *vivência imediata*, da qual emerge uma vida psíquica que “abrange as nossas representações, as determinações valorativas e os fins, subsistindo como uma ligação entre esses elos” (*Ibid.*). A vivência é já apresentada na medida em que não apenas é o ponto de partida para todo o mundo histórico em questão nas Ciências Humanas, bem como o seu grande desafio de fundamentação.

Em que consiste esse fundamento-dificuldade, o autor aponta alguns passos à frente: a vida psíquica comporta uma interação estrutural entre a interioridade e a exterioridade, entre aquela vida interior fundada na vivência e aquilo que nela se exterioriza pelos sentidos, *i.e.*, que se torna acessível a um outro. Esse acessível comunicado é a matéria-prima de toda ciência humana, sempre na medida em que é um sinal de uma interioridade produtora e receptora de sentido, significação e valor (Dilthey, 2010, p. 24). Na medida em que se trata do problema do estabelecimento do sentido em uma manifestação da interioridade, a *compreensão* é apresentada como procedimento próprio das Ciências Humanas, momento em que a tradição hermenêutica é decisivamente associada a esse campo de investigação<sup>10</sup>: “É somente

<sup>8</sup> Cf.: O Surgimento da Hermenêutica. Tradução de Eduardo Gross. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora: v. 2, n. 1, p. 11-32, 1999.

<sup>9</sup> “Como pode, pois, uma consciência formada individualmente levar a um conhecimento objetivo através de uma tal reconfiguração de uma individualidade alheia, moldada de uma forma bem distinta?” (Dilthey, 1999, p. 13).

<sup>10</sup> Em *O Surgimento da Hermenêutica* (*op. cit.*), Dilthey apresenta a noção de *percepção empática* (*Nachfühlen*) para dar conta da apreensão do elemento comum - e, portanto, comunicativo - entre vidas psíquicas singulares (Dilthey, 1999 [1900], p. 12). A indicação dessa tensão, que é, ao mesmo tempo, a razão de ser de toda a hermenêutica, fora apontada por Schleiermacher, que afirma: “Em todo lugar onde houver qualquer coisa de estranho, na expressão do pensamento pelo discurso, para um ouvinte, há ali um problema que apenas pode se resolver com a ajuda de nossa teoria, [se bem que, sem dúvida sempre apenas na medida em que houver já algo de comum entre ele e aquele que fala].” (Schleiermacher, 2015, p. 31)

até onde a compreensão alcança que há relação entre o exterior e o interior, assim como é somente até onde o conhecimento alcança que existe a relação dos fenômenos com aquilo por meio do qual eles são construídos." (*Ibid.*, p.25).

Assim, Dilthey é capaz de apresentar duplamente o objeto e o método das Ciências Humanas: seu objeto consiste naquilo que no homem se exterioriza a partir de uma atividade da vida interior, psíquica, isto é, ao *mundo espiritual* – que, como se fará notar, é sempre um mundo histórico –, e a compreensão hermenêutica emerge como método precisamente na medida em que deve estabelecer os elos entre essas instâncias. Nesse sentido, ao passo em que as Ciências Naturais operam pela *explicação*, as Ciências do Espírito se fundam na “conexão entre vivência, expressão e compreensão” (*Ibid.*).

No entanto, o autor nota, a interioridade que interessa a essas ciências não se confunde com a psicologia, mas com aquelas conexões ou elos criados nos processos internos, mas deles separáveis, isto é, às conexões objetiváveis (*Ibid.*, p.27). É, pois, precisamente essa objetivação da vivência que constituirá o desafio de fundamentação das Ciências Humanas.

### PRINCÍPIOS GERAIS: OS DESAFIOS DE FUNDAMENTAÇÃO DAS GEISTESWISSENSCHAFTEN

165

A noção de explicação surge como um paradigma próprio às ciências naturais, uma vez que estas visam à fragmentação dos fenômenos da vida em partes específicas, que passam a ser entendidas pelo modelo explicativo-causal vigente, sem, contudo, estabelecer uma conexão com o todo estrutural que constitui o fenômeno. Nesse sentido, a hermenêutica faria exatamente o contrário no que concerne às ciências humanas: trata-se de reconstruir a totalidade da vida do fenômeno, identificando, nessa totalidade, as articulações históricas responsáveis por abarcar os três âmbitos nos quais é assegurada a situação interpretativa: a compreensão, a expressão e a vivência.

Após se debruçar sobre as implicações que a distinção entre *explicação* e *compreensão* acarretam sobre as particularidades epistemológicas das Ciências Naturais e do Espírito, Dilthey se dirige, então, às grandes tarefas de fundamentação destas ciências comprehensivas, momento em que a dimensão crítica de seu projeto se apresenta maximamente. O autor aponta três tarefas necessárias à fundamentação das Ciências Humanas: i) Definir a estrutura lógica universal dessas ciências; ii) Esclarecer a doutrina do método aqui em questão a partir da abstração de seu procedimento (trata-se do esclarecimento da construção do mundo espiritual; e iii) Por fim, questionar o valor cognitivo dessas ciências: em que medida um saber objetivo das Ciências Humanas é possível? (Dilthey, 2010, p. 75).

Aqui, torna-se claro que os desafios em questão se resumem, no limite, à garantia da *universalidade* e da *objetividade* - de inspiração kantiana - enquanto critérios de científicidade. Por toda a parte, Dilthey mostra-se dotado de uma impressionante sensibilidade metodológica, capaz de entrever os desafios e implicações na execução dessas tarefas: exemplo disso é a indicação do autor de que haveria uma conexão

interna mais próxima entre a segunda e a terceira tarefa, e de que, nesse sentido, a abstração do procedimento deixaria entrever o seu valor cognitivo e, portanto, esclareceria o modo como as Ciências Humanas poderiam ser elevadas a um saber (Dilthey, 2010, p. 76).

É, pois, nesse momento que Dilthey recolhe-se em minúcias do pensamento para apontar na vivência subjetiva a apreensão do dado objetivo, mediante processos de abstração. Aqui, um ponto de partida é a indicação de que a apreensão objetiva é responsável por formar um sistema de relações entre elementos fáticos (Dilthey, 2010, p. 75), razão pela qual, em última instância, a subjetividade é, toda ela, circunstanciada pela facticidade, *i.e.*, pelo entrecruzamento de sentidos. Tais sentidos, cabe notar, referem-se aquele mundo espiritual já conformado (ou expresso!) pela comunidade em que alguém se situa, como afirma Dilthey:

As vivências particulares no interior dessa apreensão objetiva são elos de um todo que é determinado pela conexão psíquica, na qual o conhecimento objetivo da realidade é a condição para a constatação correta dos valores e do agir conveniente. Assim, perceber, representar, julgar e concluir são capacidades que atuam conjuntamente em uma teleologia própria à conexão da apreensão, uma conexão que assume, então, a sua posição na teleologia da conexão vital. (Dilthey, 2010, p. 77)

166

Essa apreensão dos sentidos, no entanto, é sempre conformada pelas capacidades elementares do próprio pensamento pré-discursivo (e, nesse sentido, comum a todas as ciências), de *equivalência* (que prepara a formação dos juízos e conceitos universais), de *separação* (que prepara as abstrações e o procedimento analítico) e a de *ligação* (que prepara as operações sintéticas) (Dilthey, 2010, p. 79). Nesse sentido, a objetividade da vivência é possibilitada pelo processo de depuração ou abstração inerente às próprias capacidades do pensamento, que preparam o pensamento discursivo e a formulação de juízos sobre os objetos, sobretudo através da memória, isto é, das *representações lembradas* (*Ibid.*, p. 80).

O dado em sua plasticidade concreta e o mundo representacional que o reproduz imageticamente encontram-se representados em cada forma do pensamento discursivo por meio de um sistema de relações entre componentes fixos do pensamento. E a isso corresponde, na direção contrária, o fato de, no retorno ao objeto, esse objeto comprovar, verificar em toda a profusão de sua existência plástica, o juízo ou o conceito. (Dilthey, 2010, p. 82)

Nesse sentido, os juízos - que, no limite, constituem a força afirmativa de toda ciência - permaneceria, duplamente, o elemento de objetivação e a referência ao fato apreendido, razão pela qual Dilthey afirma que “a relação representante/representado inclui o fato de que aquilo que é dado e aquilo que é pensado discursivamente serem passíveis de serem confundidos em certos limites” (Dilthey, 2010, p. 82). Assim, a

estrutura da conexão discursiva do pensamento é composta por *juízo, conceito e conclusão*. Nesse sentido, o autor esclarece a objetividade em questão nessas ciências.

Hidalgo e Cruz (2015, p. 337) chamam a atenção para o fato de que:

O significado de um feito captado objetivamente vem implícito no próprio feito, e o significado é intrinsecamente temporal, definido em termos do contexto da vida de alguém. Dilthey dá importância a isso afirmando que [isso] tem grande utilidade em qualquer estudo da realidade humana (Hidalgo e Cruz, 2015, p. 337).

A consideração da facticidade nos aponta para o próximo passo empreendido por Dilthey, que é o de indicar para a conexão que as vivências estabelecem na composição da vida psíquica: elas referir-se-iam umas às outras e ligariam os estados de fatos uns aos outros por meio de relações apreendidas entre eles (Dilthey, 2010, p. 84). É justamente aqui onde reside a possibilidade da conexão universal nas Ciências Humanas.

Na medida em que esses estados de fato são sempre dotados de um sentido fático, é então que todo o mundo espiritual, que decorre dessa possibilidade de universalização, revela-se como *mundo histórico*, e os sentidos particulares de seus elementos referem-se sempre ao todo de que fazem parte: trata-se da aplicação daquele preceito hermenêutico enfatizado por Schleiermacher (2015 [1809], p. 53) a todo o âmbito do sentido exteriorizado, e que, nesse contexto, aponta para a ausência de um fundamento absoluto da História.

Aqui, o mundo espiritual, isto é, aquele onde se pretende a intersubjetividade ou o compartilhamento do sentido exteriorizado, é definido, então, como a “consumação de todas as relações contidas no vivenciado intuído. [...] Nele está expressa a exigência de enunciar tudo aquilo que é vivenciável e inefável por meio da conexão das relações do elemento fático que estão contidos neles” (Dilthey, 2010, p. 85-87).

É possível pensar que aqui reside o clímax do texto, onde Dilthey parece ter alcançado a garantia de objetividade e universalidade necessárias à toda fundamentação posterior das Ciências Humanas. A obra continua, em seu caráter fragmentário, em um contínuo retorno aos pressupostos apresentados: Dilthey procede de forma a pontuar, com maior ou menor rendimento à digressão, as implicações concretas dessas considerações tanto no âmbito das Ciências Humanas quanto na constituição do homem mesmo, enquanto circunscrito em um horizonte de sentido historicamente constituído.

## CONCLUSÃO

Dilthey parece, segundo a nossa compreensão, ter sido capaz de apontar os fundamentos epistemológicos primeiros sobre os quais as Ciências do Espírito se apoiam. Permanece válido, sobretudo, o apontamento da compreensão hermenêutica como método adequado às Ciências Humanas: na medida em que o desafio desta reside precisamente na garantia do acesso ao outro como condição de possibilidade para a fundação deste mundo intersubjetivo, a consideração da teoria hermenêutica ao

problema do acesso, que Schleiermacher sinalizara ao apontar para o elemento do “estranho” como fundante do esforço interpretativo (Schleiermacher, 2015), é dotada de uma consciência metodológica exemplar.

Além disso, a indicação do mundo da vida como nascedouro intransponível do âmbito da significação aponta não apenas para a impossibilidade de reduzir o homem à objetividade e de, nesse sentido, subsumi-lo na explicação que as Ciências Naturais promovem, como também aponta para uma certa riqueza ou profundidade constituinte do humano, que se vê imerso em um horizonte de múltiplos sentidos, e que projeta sobre o mundo uma atmosfera criativa e comunitária, elevando-o de sua fisicalidade, como mencionado.

No entanto, um tal mérito não implica a completude de sua tarefa, e Dilthey parece não ter respondido à questão do lugar da *verdade* no âmbito dessas ciências: no limite, qual é o *critério de correção* diante da variedade sempre presente de interpretações? O método hermenêutico apontado por Dilthey reduziria as Ciências Humanas a um campo de disputas de narrativas? Trata-se da dificuldade de garantir o restabelecimento do sentido original, que Schleiermacher, uma vez mais, já havia apontado.

Nesse sentido, os limites da teoria em questão nessa obra parecem se confundir com os limites da própria hermenêutica no que diz respeito ao problema do acesso, isto é, da própria possibilidade desse conhecer. Tratar-se-ia, no entanto, de uma conclusão bastante insatisfatória diante daquele projeto inicial, isto é, de garantir a solidez do conhecimento em questão nas Ciências Humanas. Certamente, há em Dilthey pontos de partida bem estabelecidos, mas não o ponto – ou os pontos – de chegada: essa carência se manifesta no próprio caráter fragmentário e inconcluso de sua obra, e resta agora aos representantes dessas ciências a tarefa de aprimorar, nos limites dos contornos precisos apontados por Dilthey, as diretrizes internas do método compreensivo no âmbito das Ciências Humanas.

168

## REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marco. “Introdução à psicologia descritiva e analítica de Wilhelm Dilthey: a hermenêutica diltheyana como crítica das ciências naturais.” In: DILTHEY, Wilhelm. *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*. Trad. Marco Antonio Casanova. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- CRUZ, Yenisley López; HIDALGO, Yanemis da Trindade. La Hermenéutica en el Pensamiento de Wilhelm Dilthey. *Griot: Revista de Filosofia*. Bahia: v. 11, n. 1, p. 324-341, 2015.
- DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Trad. (e prefácio) Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- DILTHEY, Wilhelm. *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften*. Hofenberg Digital, Herausgegeben von Karl-Maria Guth, Berlin, 2017.

## RESENHA

DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*.

DILTHEY, Wilhelm. O Surgimento da Hermenêutica. Tradução de Eduardo Gross. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora: v.2, n. 1, p. 11-32, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. Kant y el Giro Hermenéutico. Tradução de Angela Ackermann Pilári. En: *Los Caminos de Heidegger*. Barcelona: Herder, 2002.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Braida. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Submetido: 22 de julho de 2025

Aceito: 31 de julho de 2025